

UNILEÃO  
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

LETÍCIA PALÁCIO GREGÓRIO ALENCAR

**SAÚDE MENTAL E ADOLESCÊNCIA: Perspectivas da Psicologia sobre as  
contribuições da relação família-escola**

JUAZEIRO DO NORTE - CE  
2024

LETÍCIA PALÁCIO GREGÓRIO ALENCAR

**SAÚDE MENTAL E ADOLESCÊNCIA: Perspectivas da Psicologia sobre as contribuições da relação família-escola**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

**Orientador:** Prof. Dr. Francisco Francinete Leite Júnior

LETÍCIA PALÁCIO GREGÓRIO ALENCAR

**SAÚDE MENTAL E ADOLESCÊNCIA: Perspectivas da Psicologia sobre as contribuições da relação família-escola**

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 04/12/2024

**BANCA EXAMINADORA**

Orientador: PROF. DR. FRANCISCO FRANCINETE LEITE JÚNIOR

Membro: PROFA. DRA. JÉSSICA QUEIROGA DE OLIVEIRA

Membro: PROFA. MARIA JEANE SILVA LACERDA

JUAZEIRO DO NORTE - CE  
2024

# SAÚDE MENTAL E ADOLESCÊNCIA: Perspectivas da Psicologia sobre as contribuições da relação família-escola

Letícia Palácio Gregório Alencar<sup>1</sup>  
Francisco Francinete Leite Junior<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente estudo possui o objetivo de compreender a relação família-escola e suas contribuições para a saúde mental do adolescente. Para seu alcance, é necessário investigar fatores que influenciam a saúde mental do adolescente, tais quais seu desenvolvimento, contexto familiar e social; discutir o papel do contexto familiar nessa relação e os possíveis efeitos gerados; compreender de que forma a escola pode contribuir na saúde mental do adolescente; e analisar as contribuições da relação família-escola e o papel do psicólogo escolar nessa mediação. Foi utilizada em sua metodologia a abordagem qualitativa de caráter descritivo através de pesquisas bibliográficas, selecionadas a partir dos temas citados e objetivos propostos. Além disso, as bases de dados utilizadas foram através do Google Acadêmico e Scielo. Ademais, foi visto que a família e escola são instituições fundamentais na vida no adolescente, e os resultados do estudo sobre essa relação e suas contribuições permitem uma investigação acerca desses dois contextos e os possíveis impactos na saúde mental desse grupo, além de possibilitarem o conhecimento acerca das temáticas propostas.

**Palavras-chave:** Psicologia; Família; Escola; Saúde Mental e Adolescente.

## ABSTRACT

The present study aims to understand the family-school relationship and its contributions to adolescent mental health. To achieve this, it is necessary to investigate factors that influence adolescent mental health, such as their development, family and social context; discuss the role of the family context in this relationship and the possible effects generated; understand how school can contribute to adolescent mental health; and analyze the contributions of the family-school relationship and the role of the school psychologist in this mediation. The qualitative approach of a descriptive nature was used in its methodology through bibliographical research, selected based on the themes mentioned and proposed objectives. Furthermore, the databases used were Google Scholar and Scielo. Furthermore, it was seen that the family and school are fundamental institutions in the life of adolescents, and the results of the study on this relationship and its contributions allow an investigation into these two contexts and the possible impacts on the mental health of this group, in addition to enabling knowledge about the proposed themes.

**Keywords:** Psychology; Family; School; Mental Health and Adolescent.

<sup>1</sup> Letícia Palácio Gregório Alencar. Email: [leticiapalacio97@gmail.com](mailto:leticiapalacio97@gmail.com)

<sup>2</sup> Francisco Francinete Leite Junior. Email: [francinetejunior@leaosampaio.edu.br](mailto:francinetejunior@leaosampaio.edu.br)

## 1 INTRODUÇÃO

O contexto familiar juntamente com a escola constituem instituições fundamentais para o desenvolvimento e formação de vida do sujeito. Compartilham funções sociais, políticas e educacionais, na medida em que contribuem e influenciam a formação do cidadão (Rego, 2003).

Dessa forma, a família é responsável pela transmissão de conhecimentos, valores e culturas, influenciando no comportamento, desenvolvimento e formação do sujeito, que é refletido nos demais contextos de sua vida, inclusive em seu convívio social. Já a escola, é onde o sujeito passa grande parte de sua vida e onde grande parte das vivências familiares são refletidas, além de constituir um contexto diversificado de desenvolvimento e aprendizagem, ou seja, um local que constitui uma diversidade de conhecimentos, atividades, regras e valores, permeado por conflitos e diferenças (Mahoney, 2002). Dessa forma, é fundamental o estudo da relação entre estes dois contextos, dos impactos, desafios e contribuições para garantia da saúde mental do adolescente.

É nessa fase de desenvolvimento do adolescente, que ocorrem mudanças físicas, psíquicas e sociais que são característicos momentos naturalmente depressivos e conflitantes. Esse momento se daria pelo luto da perda da infância, como as mudanças físicas que ocorrem, pelo distanciamento das figuras parentais, pela perda da identidade infantil e pela própria afirmação do adolescente no mundo adulto (Aberastury, 1981). Dessa forma, trabalhar a saúde mental de adolescentes na escola juntamente com a família pode contribuir de maneira significativa nesse processo de mudanças e desenvolvimento, de forma a ajudá-los a lidarem com essas questões, sem ocasionar adoecimento e angústia.

A relevância pessoal do tema abordado é resultante da experiência de estágio no campo educacional, onde foi percebido o quanto a constituição familiar pode impactar no aprendizado, comportamento, socialização e adoecimento psíquico do adolescente. Visto que é um período marcado por alterações físicas e psíquicas, além do surgimento de dúvidas e inseguranças acerca de diversos aspectos de sua vida.

Dessa forma, a realidade vivenciada em seu contexto familiar, seja positiva ou negativa, influencia de maneira significativa na saúde mental, podendo contribuir ou afetar. O estágio no campo educacional proporcionou o reconhecimento da importância das relações familiares na formação do sujeito e de que forma essas relações podem ser refletidas dentro das escolas, seja em comportamentos manifestados ou no desempenho acadêmico. Além de perceber o quão a aproximação entre a família com a escola pode ser positiva para o

desenvolvimento do adolescente e sua saúde mental. Portanto, a partir da experiência vivenciada, surgiu o interesse em pesquisar e aprofundar-se a respeito das contribuições entre esses dois contextos para a vida do adolescente e sua saúde mental.

A relevância acadêmica deste estudo se dá ao explorar o papel do psicólogo nesse cenário em poder contribuir com a aproximação entre a família e a escola, buscando a implementação de estratégias como reuniões frequentes com a família e projetos pedagógicos, reconhecendo o contexto familiar que o aluno está inserido, para que assim possam ser traçadas estratégias da escola com os familiares de forma que possa facilitar o aprendizado e garantir a redução de danos à saúde mental do adolescente.

É relevante destacar a importância do trabalho do psicólogo nessa mediação e no trabalho nas escolas como um todo, considerando que sua prática muitas vezes é reduzida ao contexto clínico até mesmo em outros espaços de atuação, onde se é cobrado e reconhecido um trabalho relacionado a escuta psicológica. Portanto, percebe-se que na perspectiva acadêmica esse estudo visa promover o reconhecimento acerca dessa temática voltada para uma das possibilidades de atuação do psicólogo, pois apesar de ser uma temática já pesquisada, é pouco voltada para a área da psicologia.

A relevância social deste estudo se dá através da possibilidade de reconhecimento da relação família-escola e seu papel na redução de danos e alinhamentos de estratégias que visam a saúde mental do adolescente. Além disso, percebendo que a família e a escola constituem contextos fundamentais na vida do indivíduo, é válido afirmar que podem impactar significativamente em seu desenvolvimento e na saúde mental, sendo de grande relevância social o estudo dessa temática a respeito desses impactos e de que forma a junção destes contextos podem contribuir de maneira positiva, para que possa reduzir as taxas de adoecimento deste público-alvo. Dessa forma, considerando a relevância desses dois contextos para a vida do adolescente, é fundamental analisar: De que forma a relação família-escola pode contribuir com a Saúde Mental do adolescente?

Como objetivo geral, o presente estudo buscou compreender a relação família-escola e suas contribuições para a saúde mental do adolescente. Para isso, é necessário identificar fatores que influenciam a saúde mental do adolescente; compreender o papel do contexto familiar nessa relação e os possíveis efeitos gerados; e analisar as contribuições da relação família-escola e do psicólogo escolar nessa mediação. Dessa maneira, investigando os aspectos descritos será possível compreender os impactos e desafios enfrentados nessa relação, além de ser possível avaliar estratégias que podem contribuir.

## 2 DESENVOLVIMENTO

### 2.1 METODOLOGIA

Considerando que o objetivo do estudo é de identificar fatores da relação família-escola que contribuem para a saúde mental do adolescente, utilizou-se da abordagem qualitativa, de caráter descritivo através de pesquisas bibliográficas. A pesquisa descritiva possui objetivo de descrever características de determinada população ou fenômeno. (Gil, 2007). Portanto, promovem análises mais complexas dos fenômenos que são estudados e a relação entre eles, de maneira a conhecer o objeto de estudo da pesquisa em seus diversos contextos a relação existente, sendo fundamental para entender de que maneira a família e a escola podem influenciar de modo significativo a saúde mental do aluno e a importância de estratégias em conjunto entre esses dois contextos.

A abordagem qualitativa é baseada no estudo de forma aprofundada de um grupo, e trabalha com significados, motivos, crenças, valores e atitudes que corresponde a um espaço mais profundo das relações e fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (Minayo, 2001). Dessa forma, estudar a profundidade das relações familiares tais quais suas crenças, valores e atitudes, e de que forma esses fatores podem influenciar na vida do adolescente. Compreendendo todos os fatores que estão relacionados à saúde mental de jovens nessa faixa etária e de que forma o contexto educacional pode contribuir.

Dessa forma, considerando que o tema abordado possui uma variedade rica de pesquisas, estudos e publicações, a delimitação quanto aos procedimentos utilizados será a de pesquisa bibliográfica. Já que ela é fundamentada a partir do levantamento de referenciais teóricos já analisados e publicados, como por exemplo, livros e artigos (Fonseca, 2002). Portanto, os dados fornecidos para elaboração da pesquisa, serão coletados a partir de artigos científicos e livros já publicados com os temas que serão abordados, encontrados nas fontes de dados científicos: Scielo e Google Acadêmico.

Após a delimitação da fonte de dados da pesquisa, é necessário a leitura do material selecionado a fim de buscar relações entre o tema com as palavras-chave e o material selecionado. Para que isso ocorra, inicia-se a delimitação com tipos de leitura, a exploratória, seletiva, analítica, e interpretativa, para que assim, possa possibilitar um progresso na pesquisa bibliográfica (Gil, 2002).

Além disso, a fim de destacar os principais temas utilizados na pesquisa, as palavras-chave são: família, escola, saúde mental e adolescente. Como critérios de inclusão,

foram analisados artigos, livros e revistas científicas que contivessem as palavras-chaves do presente estudo citadas no título e resumo, tendo como preferência publicações delimitadas nos últimos vinte anos. Porém, não foram descartados materiais que pudessem contribuir com o enriquecimento do estudo. Como critérios de exclusão, foram desconsiderados materiais que não seguiam os objetivos aqui expostos, assim como materiais desatualizados temporalmente a respeito do conteúdo estudado e publicado.

## 2.2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.2.1. Adolescência: Perspectivas e desafios para a saúde mental

A adolescência está associada a um período de instabilidade emocional, sendo nessa fase onde o sujeito vivencia mudanças físicas, psíquicas e sociais, e onde surgem questionamentos e conflitos internos causados a partir destas mudanças (Feijó; Chaves, 2002).

Segundo Aberastury (1981), mudanças físicas vivenciadas nesse período, dentre elas, o início da puberdade, geram uma perda da antiga imagem corporal e da identidade infantil, impulsionando o indivíduo a buscar por uma nova identidade. Dessa forma, essa busca por uma nova identidade pode gerar sofrimento psíquico, além de comparações e distorção da imagem corporal, sendo as redes sociais um dos principais meios influenciadores.

Além disso, essas mudanças refletem no desenvolvimento psicológico do adolescente, podendo acarretar prejuízos acadêmicos e o desenvolvimento de transtornos ou episódios de depressão e ansiedade, a depender de fatores como etnia, contexto social, escola e a forma como o sujeito interpreta essas mudanças (Papalia; Martorell, 2021).

A puberdade é um exemplo de mudança física que a depender do tempo em que ocorre e da forma como a pessoa pode encarar, pode acarretar em sofrimento psicológico. Ela marca um período em que ocorrem alterações hormonais, e conseqüentemente físicas no indivíduo, levando cerca de três a quatro anos, desde os primeiros sinais, para terminarem o surgimento dessas mudanças em ambos os sexos (Berger, 2017).

O estirão de crescimento também é presente nesse período, onde ocorre um aumento na altura, peso e musculatura, iniciando nas meninas entre os nove anos e meio aos quatorze anos, e nos meninos entre os dez anos e meio e dezesseis anos e dura em torno de dois anos. Essa diferença entre o início da puberdade em meninos e meninas, que pode variar em até 5 anos, e a ocorrência da maturação tardia ou precoce pode acarretar prejuízos na saúde física, aumentando as chances de algumas doenças, e na saúde psicológica. (Papalia; Martorell,

2021).

Com isso, há pesquisas que apontam que a maturação tardia nos meninos pode gerar insegurança e manifestação de comportamentos agressivos, além de reduzidas habilidades sociais e de enfrentamento (Sontag, *et. al.*, 2011). No caso das meninas, quando a maturação ocorre mais cedo, há maiores riscos de danos a saúde mental relacionadas problemas psicológicos, comportamentais e sociais, como transtornos de ansiedade, de conduta e depressão, além de transtornos alimentares, início precoce de relações sexuais, gravidez precoce, uso de substâncias como álcool e drogas, e de tentativas de suicídio (Copeland *et al.*, 2010).

Portanto, apesar de marcar o início da adolescência, a subjetividade biológica, psicológica, cognitiva e social deste período não deve ser reduzida à experiência da puberdade (Silva; Barros, 2021). A ocorrência de comportamentos de riscos como uso de álcool e drogas, episódios ou transtornos de ansiedade e depressão, início precoce de relações sexuais, gravidez precoce e tentativas de suicídio dependem de variáveis subjetivas e sociais, e da forma que o adolescente lida com essas mudanças vivenciadas. (Papalia; Martorell, 2021).

O uso de mídias sociais também é um fator que acarreta prejuízos na vida do sujeito, sendo responsável pela exposição de informações e opiniões de outras pessoas de modo a induzir certos comportamentos e decisões (Nicoletti; Capra, 2016). Dessa forma, neste período de desenvolvimento em que o indivíduo é permeado por questionamentos e decisões, o uso de maneira errada ou excessiva desses meios podem gerar comparações com ideais de vida presentes na internet, além de possibilitar o contato com pessoas que não conhece, fazendo com que as relações virtuais ganhem espaço e as relações reais sejam cada vez mais reduzidas.

Além disso, há diversas questões que podem gerar adoecimento mental, dentre elas, questões individuais como sexo, idade, autoestima e autoconfiança; familiares como separação dos pais, história de problemas de saúde mental, problemas com álcool e drogas, conflitos entre os pais, violência física, psicológica e sexual; socioculturais como pobreza, violência no contexto social e suporte social e biológicos (Vitulo *et.al.*, 2005). Além disso, esses fatores também podem influenciar de maneira significativa o desenvolvimento cognitivo do adolescente, de modo que não adquiram as habilidades necessárias nos outros períodos de desenvolvimento e não obtenham os recursos fundamentais para sua formação cognitiva naquele período. Recursos como, capacidade de formular hipóteses e de solucionar problemas de maneira mais prática, buscar estratégias de solução, surgimento de questionamentos sobre si e sobre o mundo, e atingir o estágio do pensamento operatório formal.

O desenvolvimento cognitivo do sujeito é baseado no processo de assimilação e acomodação, além de ser considerado um processo gradativo. Os períodos de desenvolvimento, descritos por Piaget, são divididos de acordo com capacidades e habilidades que o indivíduo desenvolve de acordo com sua faixa etária e que influenciam o desenvolvimento global, sendo a adolescência o último período e inicia-se aos doze anos em diante. Portanto, nesse estágio, o indivíduo atinge um padrão intelectual que perdura até a vida adulta. Esse período é caracterizado, de período operatório formal, onde o adolescente desenvolve habilidades de encontrar soluções de hipóteses, sem a necessidade de manipulação física e exemplos concretos. (Silva *et. al.*, 2011).

Além disso, nessa fase o adolescente passa a vivenciar alternância entre comportamentos de dependência e independência, onde enfrenta ambivalência entre sentir-se criança e ser dependente dos pais, ou querer adquirir autonomia para tomar suas próprias decisões e ser independente. Com isso, os pais também vivenciam essa alternância, entre querer que o filho ainda seja criança ou exigir uma postura de autonomia e responsabilidade (Silva, 2015).

O desenvolvimento psicossocial do adolescente tem início a partir da busca por uma nova identidade, que é dividida em quatro estágios, sendo eles a execução, moratória e difusão de identidade e construção da identidade. A execução é o período em que o indivíduo passa a ter planos e metas que são definidos por pessoas de influência em sua vida, como pais e demais figuras de autoridade. A moratória é o estágio em que o adolescente passa por uma crise de identidade e não definiu ainda as escolhas que pretende adotar. No período de difusão é onde o adolescente ainda não atingiu o comprometimento, e posterga suas escolhas e tomada de decisões. Por fim, no período de construção de identidade o indivíduo chega ao comprometimento e supera as crises que foram vivenciadas, alcançando suas escolhas. (Schoen-Ferreira *et. al.*, 2003).

O contexto social em que o adolescente está inserido influencia significativamente o seu desenvolvimento, de forma a induzir o indivíduo de maneira positiva ou negativa, a depender de sua realidade. Além disso, na adolescência o indivíduo se depara com um mundo de possibilidades e escolhas acerca da vida adulta e perspectivas de futuro, como a escolha de profissão, faculdades, cursos, inserção no mercado de trabalho, dentre outras. Ao se deparar com o mundo de decisões a serem tomadas, que muitas vezes são cobradas pela sociedade, pela escola e pela família, o indivíduo pode sentir-se frustrado, gerando o adoecimento.

Portanto, faz-se necessário analisar fatores de risco e proteção que permeiam a vida dos adolescentes a depender do contexto social em que estão inseridos, havendo uma relação entre

fatores socioeconômicos e presença de transtorno mental.

Há bases de estudo pela *American Psychological Association* que relacionam prejuízos na saúde mental, saúde física, educação e bem-estar do indivíduo ao contexto socioeconômico em que está inserido. A saúde mental está relacionado aos elevados níveis de prejuízos emocionais e comportamentais, como transtornos de ansiedade e de comportamento, agressividade e discriminação em grupos de adolescentes. Já a saúde física estão relacionados aspectos como aumento do nível de massa corporal em adolescentes, maior probabilidade ao sedentarismo e maiores chances de doenças cardiovasculares em adultos. No contexto educacional, observa-se diferenças relacionadas a etnia das crianças, em relação ao nível socioeconômico em que estão inseridas, possuindo reduzidas oportunidades de aprendizado, além de observar-se que na inserção às escolas, crianças nesse contexto possuem baixo conhecimento linguístico, e, por fim, as taxas de evasão são mais elevadas em decorrência de suas experiências educacionais. Nos fatores relacionados ao bem-estar, têm-se as práticas parentais e o quanto a situação econômica menos favorável afeta a estabilidade da família (Gaspar; Balancho, 2017).

Portanto, em contextos familiares economicamente desfavoráveis, há existência de fatores que podem causar prejuízos ao desenvolvimento e saúde mental da criança ou adolescente. Podem estar associados a conflitos familiares, negligência e abuso de substâncias pelos pais, aumentando o risco de problemas emocionais e comportamentais do indivíduo. Dessa forma, o contexto familiar possui grande relação com prejuízos no desenvolvimento e na saúde mental do adolescente, a depender do contexto social e econômico dessa família e os fatores de risco e proteção envolvidos.

### **2.2.2. O impacto das relações familiares e escolares para formação do sujeito**

A família possui grande relevância nos aspectos comportamentais, culturais, na transmissão de valores, no modo como o indivíduo interage e em sua forma de pensar e ver o mundo. Assim, ela é a principal responsável por incorporar as transformações sociais ocorridas ao longo do tempo, com os pais exercendo um papel preponderante na construção da pessoa, de sua personalidade e de sua inserção no mundo social e do trabalho (Távora, 2003).

Além disso, o conceito de família perpassa por mudanças ao longo dos tempos, dentre elas, históricas, religiosas, econômicas e culturais, a depender do contexto em que se insere e das configurações e estruturas em diferentes sociedades (Simões, 2011). Essas configurações se dão a partir da composição familiar, papéis desempenhados e tipos de família, sendo,

portanto, estes aspectos fundamentais no desenvolvimento emocional dos integrantes.

Diante das diversas configurações familiares, como monoparentais, anaparentais e matrimoniais, os desafios enfrentados podem tanto prejudicar quanto favorecer o desenvolvimento do indivíduo. Além disso, características étnico-raciais exercem influência nesse processo. Adolescentes negros enfrentam mais barreiras e possuem menos oportunidades do que brancos, principalmente devido ao racismo estrutural. Esse preconceito limita oportunidades, interações sociais e pode ser um fator de risco tanto para o desenvolvimento saudável quanto para a saúde mental do indivíduo, impactando diretamente sua qualidade de vida e suas perspectivas de futuro.

Portanto, o contexto familiar em que o indivíduo está inserido possui forte influência na construção e desenvolvimento de sua personalidade, assim como o contexto social, o tipo de relação familiar estabelecida e aspectos socioculturais.

Dessa maneira, esses aspectos são refletidos em outros ambientes de seu convívio social (Volling; Elins, 1998). Um exemplo disso são pais que apresentam conduta punitiva podem causar em seus filhos comportamentos de insegurança, onde estes poderão ser manifestados na escola ou em outros contextos. Em contraposição, os pais que promoverem interações positivas possibilitam a seus filhos uma maior facilidade de socialização e desenvolvimento interpessoal (Dessen; Polonia, 2008).

Além disso, a depender das relações familiares e do contexto socioeconômico, fatores relacionados a estes dois contextos estão diretamente relacionados à saúde mental do adolescente, podendo causar prejuízo e sofrimento. Portanto, a configuração parental que o indivíduo está inserido influencia significativamente na construção de laços afetivos, refletindo na autoestima e autoconceito do indivíduo e em outros âmbitos de sua vida. (Volling; Ellins, 1998). As desvantagens socioeconômicas que algumas famílias podem vivenciar, afetam de maneira direta a relação com seus pares, de modo a interferirem na qualidade e no tempo disponível para essa relação (Oliveira *et. al.*, 2008).

As interações familiares quando reduzidas, possuem relação com o aparecimento de sintomas depressivos em adolescentes, sendo, portanto, considerado um fator de risco (Teodoro, 2010). A redução da interação familiar pode estar associada a fatores como excesso de trabalho dos pais e pouco tempo disponível, negligência familiar, conflitos familiares.

Além disso, fatores como divórcio ou separação dos pais, recasamento e monoparentalidade afetam de maneira direta os membros da família, podendo acarretar em implicações. (Benatti, *et. al.*, 2021). Portanto, esses fatores podem ser compreendidos pelo jovem como rompimento da família, resultando em alterações no desenvolvimento sócio

emocional do indivíduo, e gerando mudanças de humor que se refletem no contexto escolar e social, prejudicando, assim, a qualidade das relações interpessoais (Melo; Marin, 2016).

Além dos impactos das relações familiares para o desenvolvimento do indivíduo, há impactos que são refletidos no ambiente educacional em associação ao contexto que ele está inserido. Portanto, os aspectos manifestados pelo sujeito na escola, podem depender da própria personalidade do indivíduo ou em decorrência do contexto socioeconômico e familiar em que está inserido.

Já o ambiente educacional, constitui um contexto diversificado de desenvolvimento e aprendizagem de indivíduos, isto é, um local que reúne uma diversidade de conhecimentos, atividades, regras, valores e que é permeado por conflitos e diferenças (Mahoney, 2002). Por reunir indivíduos com diferentes realidades, costumes, valores, pensamentos, comportamentos e vivências, há o surgimento de conflitos externos e internos a partir destas diferenças.

O surgimento desses conflitos podem ser a partir de comparações das diferentes realidades, onde muitas vezes acabam gerando práticas de bullying entre os adolescentes, que são bastante frequentes nas escolas. Essa prática se diferencia de outros tipos de agressões pela frequência e propósito, e sua caracterização é marcada por aspectos como o fato do ato agressivo não ser resultante de provocações e a desigualdade de poder existente entre a vítima e o agressor (Pereira, 2008).

Dessa forma, o bullying pode gerar danos no desenvolvimento e saúde mental do indivíduo, que podem ser refletidos na vida adulta. No contexto escolar, podem atrapalhar o processo de aprendizagem, além de provocar comportamentos de evitação, fazendo com que o mesmo evite ir à escola. Além disso, distorções de imagem, insegurança e autocoerção excessiva também são comportamentos que podem ser manifestados pelas vítimas ao longo da vida, sendo a longo prazo, fatores que podem estar associados ao sofrimento psíquico, desenvolvimento de transtornos e ao fracasso escolar.

O fracasso escolar diz respeito a dificuldades de aprendizagem, desmotivação e baixo rendimento acadêmico que podem gerar a evasão escolar. Além disso, em classes menos favorecidas, a necessidade de geração de renda também é o fator que leva a evasão escolar, de modo que o trabalho infantil passa a existir e ser naturalizado, ou até mesmo os adolescentes passam a abandonar a escola para cuidar dos afazeres domésticos ou dos irmãos mais novos enquanto os pais trabalham (Peixoto *et. al.*, 2017).

As dificuldades escolares manifestadas podem estar associadas a uma desigualdade entre as condições associadas à aprendizagem e a capacidade do aluno em lidar com elas. Portanto, a compreensão acerca das condições de saúde e comportamentos de risco

manifestados pelos alunos pode contribuir na redução das dificuldades e, conseqüentemente, na redução do baixo rendimento acadêmico (Chau, *et. al.*, 2016).

Portanto, a escola possui um papel fundamental na detecção destes comportamentos, de modo a olhar para o aluno de modo subjetivo, compreendendo suas experiências de vida e particularidades para além do processo de aprendizagem. Considerando que, todos os fatores envolvidos podem afetar também o rendimento acadêmico, resultando em baixo rendimento.

O baixo rendimento acadêmico está associado a fatores que envolvem características do aluno, da família, da escola e da sociedade em que está inserido. Dessa forma, ele envolve fatores intra escolares como gestão escolar, ensino, infraestrutura, recursos disponíveis e formações docentes, e fatores extra escolares como contexto social em que o aluno está inserido, cenário econômico responsável pela fome, moradia precária e dificuldade de acesso à escola (Peixoto *et. al.*, 2017).

As condições intra escolares são de fundamental importância para garantir uma melhor qualidade de ensino e aprendizagem para os alunos, de modo a fornecer recursos necessários como ambiente adequado e materiais para estudo, qualificação docente que permita um olhar voltado para o aluno de maneira subjetiva, além de uma gestão que garanta a implementação dessas estratégias.

As extra escolares se configuram como o cenário vivenciado por esse sujeito e de que forma o indivíduo lida com esses aspectos, de modo a interferir no aprendizado e rendimento escolar, além de ser um fator desencadeante para comportamentos de risco. Portanto, é de fundamental importância correlacionar as condições intra e extra escolares, de modo a compreender a realidade vivenciada pelo sujeito e promover um desenvolvimento positivo, sendo relevante um trabalho entre a família e escola para obter-se melhores resultados.

### **2.2.3. Contribuições da relação família-escola e o papel do psicólogo nessa mediação**

Para que seja possível uma melhor compreensão acerca da relação família-escola, é necessário uma investigação acerca do contexto histórico em que essa relação está inserida. Só durante o século XX houve uma preocupação com relação ao sistema educacional e investimentos do governo para isso, no período pós segunda guerra onde alguns países estavam em fase de reconstrução. Portanto, nesse período as escolas trabalhavam as competências que lhe cabiam, sem qualquer tipo de relação com a família. Porém, era percebido que famílias com melhores condições de vida e de boa colocação social, transmitiam seus valores para os filhos, que apresentavam melhores rendimentos na escola

(Tavares; Nogueira, 2013).

Dessa forma, foi percebido que o contexto social e familiar vivenciado são os principais influenciadores do rendimento escolar. Após esse período, e percebendo a influência do contexto familiar nos resultados acadêmicos, percebeu-se a importância de estabelecer uma relação entre família e escola. Além disso, é fundamental que ambas tenham entendimento acerca das limitações e da realidade que estão inseridos, para que dessa forma busquem estratégias que facilitem essa relação e permitam um rendimento positivo do aluno (Souza, 2009).

Portanto, é válido afirmar que a relação família-escola possui grande influência na vida do indivíduo, essa integração permite um reconhecimento por parte da escola do contexto em que o aluno está inserido, a fim de compreender sua realidade e contribuir em seu processo de aprendizagem e em seu desenvolvimento.

Além disso, é importante que a família também esteja inserida no percurso escolar do aluno, de modo que possa contribuir nas possíveis dificuldades e desafios enfrentados, principalmente na adolescência, período que surge uma cobrança e autocobrança pelas escolhas do futuro. Portanto, nem sempre isso é possível, já que é notório que a participação dos pais nas instituições de ensino vai se reduzindo à medida que o aluno avança nas séries.

Na adolescência, período em que o sujeito atravessa algumas mudanças, surgem questionamentos e conflitos internos acerca das escolhas e decisões que lhes é cobrado tomar para o futuro. Porém, nessa fase a presença dos pais nas escolas é quase inexistente, a menos que a escola precise apontar situações a respeito de um comportamento negativo ou baixo rendimento acadêmico. Em vista disso, o aluno busca manter essa relação entre a família e escola desvinculada, já que quando ocorre essa interação, na maioria das vezes, é apontado aspectos negativos referentes ao aluno e aos seus resultados ou comportamentos.

Por esse motivo, é de fundamental importância que essa relação seja estabelecida também quanto há necessidade de exaltar aspectos positivos, além de que a família também precisa buscar essa integração para que relate para escola desafios enfrentados em casa que podem interferir ou influenciar nos comportamentos do aluno na instituição, a fim de que possam traçar possíveis estratégias quando viável.

A presença da família no contexto educacional do aluno pode contribuir de maneira a incentivá-lo e acompanhar seu desenvolvimento não só acadêmico. Em contrapartida, o desinteresse dessa relação de proximidade entre esses dois contextos pode provocar desinteresse escolar, e a depender do contexto socioeconômico, provocar uma desmotivação e desvalorização da educação, refletindo na evasão escolar (Tavares; Nogueira, 2013).

A família e escola são dois contextos fundamentais na vida do sujeito, portanto, possuem influência no seu desenvolvimento e impactam significativamente sua formação. Os impactos gerados por esses dois contextos, podem gerar danos à saúde mental do sujeito, a depender das condições em que estão inseridos. Dessa forma, fatores como situação econômica, estrutura familiar, monoparentalidade, disponibilidade de recursos intra escolares, gestão escolar e qualificação docente são aspectos a serem avaliados e relacionados à saúde mental do adolescente.

O psicólogo escolar pode atuar de como a contribuir com a mediação entre esses dois contextos, a fim de garantir um desenvolvimento positivo do aluno e buscar potencializar o aprendizado e as formas de ensino. Ademais, promover o desenvolvimento social, emocional e motor, e planejar intervenções com os alunos e a família, com a contribuição dos demais educadores (Guzzo *et. al.*, 2010).

A atuação do psicólogo escolar muitas vezes é desconhecida em sua relevância e reduzida ao contexto de avaliar e acompanhar os alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem ou presença de transtornos. Além disso, por muito tempo a atuação do profissional de psicologia era pautada no modelo médico de atendimento em clínicas de psicologia (Andrada, 2005).

O psicólogo inserido em instituições de ensino deve trabalhar buscando formas de intervenções com a comunidade escolar, como alunos, pais, professores e funcionários, considerando o contexto social, cultural e econômico em que estão inseridos, a fim de traçar possíveis estratégias visando integração entre a comunidade e contribuir no aprendizado do aluno. Além disso, o psicólogo escolar possui o papel de mediar a relação família-escola e os processos relacionados ao ensino-aprendizagem, com o objetivo de fortalecer essa relação e favorecer o desenvolvimento do aluno (Albuquerque; Aquino, 2021).

Para que seja possível um melhor desenvolvimento de seu trabalho, o psicólogo deve buscar inserir-se de maneira ativa no contexto em que atua, reconhecendo os aspectos sociais, políticos, culturais e econômicos da comunidade em que vai intervir. Dessa forma, é fundamental o desenvolvimento de um trabalho em equipe multidisciplinar, a participação em eventos que envolvam toda a comunidade, de modo a favorecer trocas com os envolvidos, além de um olhar minucioso acerca da vulnerabilidade e em como elas se apresentam (Cassins *et. al.*, 2007).

Dessa forma, o trabalho do psicólogo escolar deve modificar o foco de atuação de caráter clínico, em que é voltado para resolução de problemas e queixas, e centrar-se no enfoque preventivo, atuando na promoção de saúde e nos processos de ensino-aprendizagem,

além de práticas de integração entre família e escola (Valle, 2003).

Portanto, para que seja possível uma intervenção do psicólogo na comunidade escolar, é necessário que reconheça as vulnerabilidades encontradas no contexto, as queixas principais, a equipe inserida, a realidade do aluno, além dos desafios encontrados na promoção de saúde mental, processo de aprendizagem e na interação com os familiares. Por esse motivo, é fundamental um trabalho multidisciplinar com a equipe que compõe a escola e com o apoio dos familiares, de modo a unir os contextos que são fundamentais na vida do aluno, para que possam contribuir significativamente de maneira positiva em seu desenvolvimento, aprendizagem e saúde mental.

As ações pedagógicas promovidas pela escola permitem a ambos analisarem, identificarem e realizarem intervenções nos processos de desenvolvimento e aprendizagem dos estudantes. Dessa forma, é necessário planejar e implementar ações que assegurem as parcerias entre estes dois ambientes, visando a busca de objetivos comuns e de soluções para os desafios enfrentados pela comunidade escolar, assim como os processos de aprendizagem do aluno (Dessen; Polonia, 2007).

Assim, desenvolver práticas de integração que promovam uma aproximação entre esses dois contextos, além de analisar habilidades e competências dos alunos tanto no ambiente familiar como educacional, de modo a favorecer os estilos de aprendizagem, são exemplos de intervenções a serem adotadas pelo psicólogo escolar em conjunto com a equipe.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao final desse estudo conclui-se que os objetivos delimitados no presente estudo foram alcançados, de modo que diante do que foi explanado, a relação família-escola contribui de maneira significativa no desenvolvimento e saúde mental do adolescente. Portanto, para que seja estabelecido essa relação, o trabalho do psicólogo escolar é fundamental como forma de buscar intervenções que unam esses dois contextos e favoreçam essa relação.

Além disso, foram identificados fatores que influenciam na saúde mental do adolescente, sendo eles fatores físicos, psicossociais, econômicos e familiares, além de todas as mudanças vivenciadas nesse período e os impactos significativos no desenvolvimento. As mudanças vivenciadas podem ser manifestadas em comportamentos percebidos tanto na escola como na família.

Porém, apesar das mudanças vivenciadas, é válido destacar que o contexto familiar em que o indivíduo está inserido influencia significativamente em aspectos cognitivos,

psicológicos e sociais da vida do indivíduo, impactos estes que podem ser notados e manifestados no contexto escolar, como dificuldade de aprendizagem, baixo rendimento acadêmico, dificuldade de socialização e manifestação de comportamentos agressivos.

Portanto, foi percebido que a depender do contexto familiar e socioeconômico em que o indivíduo está inserido, e a forma como ele lida com essas questões, esses aspectos podem ser refletidos em atitudes e comportamentos que são manifestados no contexto escolar. Assim, é de fundamental relevância que haja uma integração entre esses dois contextos para a detecção de tais comportamentos, a fim de favorecer no desenvolvimento, aprendizagem e saúde mental do aluno.

Dessa forma, investigou-se os impactos do contexto familiar no desenvolvimento do adolescente, e por fim, foi possível compreender de que forma a relação entre família-escola contribui na saúde mental do sujeito, de modo a promover práticas de integração e analisar habilidades e competências dos alunos. Ressaltando também a importância do trabalho do psicólogo nessa mediação.

Assim, foi possível concluir que a relação família-escola é de fundamental relevância para saúde mental, aprendizado e desenvolvimento do adolescente. Porém, o papel do psicólogo escolar torna-se imprescindível, com alinhamento de estratégias necessárias para essa mediação e a compreensão acerca da subjetividade de cada aluno em seu contexto.

## REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, A. **Adolescência normal**. Porto Alegre: Artmed, 1981.
- ALBUQUERQUE, J. A.; AQUINO, F. S. B. **Psicologia escolar e relação família-escola: Um estudo sobre concepções profissionais**. *Psicologia e Pesquisa*, v.15, n.1, p.1-22, 2021.
- ANDRADA, E. **Novos paradigmas na prática do psicólogo escolar**. *Revista Psicologia: Reflexão e Crítica*, v.18, n.2, p.196-199, 2005.
- AVANCI, J. Q. *et. al.* **Fatores Associados aos Problemas de Saúde Mental em Adolescentes**. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Jul-Set 2007, v. 23 n.3, p. 287-294.
- BENATTI, A. P. *et. al.* **Famílias Monoparentais: Uma Revisão Sistemática da Literatura**. *Psicologia: Ciência e Profissão* v. 41 (n.spe 3), e209634, 1-14, 2021.
- BERGER, K. S. **O desenvolvimento da pessoa: do nascimento à terceira idade**. Rio de Janeiro: LTC, 2017.
- DIAS, A. C. G.; PATIAS, N. D.; ABAID, J. L. W. **Psicologia Escolar e possibilidades de atuação do psicólogo: Algumas reflexões**. *Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v.18, n.1, p.105-111, 2014.
- CAMPAGNA, V. N.; SOUZA, A. S. L. de. **Corpo e imagem corporal no início da adolescência feminina**. *Bol. psicol*, São Paulo , v. 56, n. 124, p. 9-35, jun. 2006 .
- CASSIS, M *et. al.* **Manual de Psicologia escolar-educacional**. Conselho Regional de Psicologia do Paraná. Curitiba: Gráfica e Editora Unificado, 2007.
- CHAU, K., *et. al.* **Associações entre dificuldades escolares e problemas relacionados à saúde e comportamentos de risco do início da adolescência: Um estudo transversal em adolescentes de ensino médio na França**. *Pesquisa em Psiquiatria*, v. 244, p.1-9, 2016.
- COPETTI, A. V. S.; QUEIROGA, C. V. **A influência da mídia nos transtornos alimentares e na autoimagem em adolescentes**. *Revista de Psicologia da IMED*, v.10, n.2,161-177, 2018.
- COPELAND, W. *et. al.* **Outcomes of early pubertal timing in young women: A prospective population-based study**. *American Journal of Psychiatry*, v.167 n.10, p.1218–1225, 2010.
- DESSEN, M. A.; POLONIA, A. C. **A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano**. *Paidéia ( Ribeirão Preto)*, Ribeirão Preto, v. 17, n. 36, 2007.
- FEIJÓ, R. B.; CHAVES, M. L. F. **Comportamento suicida**. Em M. C. O. Costa & R. P. de Souza (Orgs.), *Adolescência* (pp. 398-408). Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.
- GASPAR, T.; BALANCHO, L. **Fatores pessoais e sociais que influenciam o bem-estar subjetivo: diferenças ligadas ao estatuto socioeconômico**. *Ciência & Saúde Coletiva*, v.22, n.4, 1373-1380, 2017.

GERHARD, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 1028.

GUZZO, *et. al.* **Psicologia e Educação no Brasil**: uma visão da história e possibilidades nessa relação. *Psicologia Teoria e Pesquisa*, 26 (número especial), 131-141, 2010.

MAHONEY, A. A. **Contribuições de H. Wallon para a reflexão sobre as questões educacionais**. In V.S. Placco (Org.), *Psicologia & Educação: Revendo contribuições* (pp. 9-32). São Paulo: Educ, 2002.

MELO, S. C. H; Marin, A. H. **Influência das composições familiares monoparentais no desenvolvimento da criança**: Revisão de literatura. SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo Revista da SPAGESP, v.17, n.1, p. 4-13, 2016.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001.

NICOLETTI M. M.; CAPRA, A. **O consumo simbólico no ambiente online das redes sociais**. In Anais da XII Semana de Extensão, Pesquisa e Pós Graduação SEPesq– Mentis Inquietas: pessoas, experiências e atitudes. Uniritter, 2016.

OLIVEIRA, D. et al. **Impacto das Configurações Familiares no Desenvolvimento de Crianças e Adolescentes**. *Interação em Psicologia*. Curitiba, v. 12, n. 1, p. 87-98, 2008.  
PAPALIA, Diane E.; MARTORELL, Gabriela. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed/MGH Education, 2021.

PEIXOTO, S. P. *et. al.*. **O impacto dos fatores intra e extraescolares para o fracasso escolar**: Desmistificando as visões psicologizantes. *Caderno de Graduação - Ciências Humanas e Sociais - UNIT - ALAGOAS*, v.4, n. 2, p. 235, 2018. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/fitshumanas/article/view/4748>. Acesso em: 14 out. 2024.

PEREIRA, B. O. **Para uma escola sem violência**: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2008.

REGO, T. C. **Memórias de escola: Cultura escolar e constituição de singularidades**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

SCHOEN-FERREIRA, T. H., *et. al.* **A construção da identidade em adolescentes**: um estudo exploratório. *Estudos de Psicologia*, 2003, v.8, n.1, pág. 107-115. .

SILVA, H. L.; MEA, C. P. D. **Uso de redes sociais e autoimagem**: uma revisão narrativa. *Psicologia em Ênfase*, v.4, p. 34-35, Novembro, 2023.

SILVA, M. M.; BARROS, L. da S. **A contribuição da escola para promoção da saúde mental de adolescentes no combate a depressão e ao suicídio**. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v.7, n.3, p. 21078-21095, Março, 2021.

SILVA, P. S. M. *et. al.* **O desenvolvimento da adolescência na teoria de Piaget**. Acesso em: 11 de out. de 2023. v. 10, 2013.

SILVA, R. V. B. **Os Conflitos na Fronteira de Contato entre Pais e Filhos Adolescentes.** IGT na Rede, Rio de Janeiro, v. 12, n. 22, p. 53-66, 2015.

SIMÕES, S. C. C. **Influência dos estilos educativos parentais na qualidade da vinculação de crianças em idade escolar em diferentes tipos de família.** Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Porto, 2011.

SOTANG, L. M. *et al.* **O papel do estresse entre pares e do momento da puberdade nos sintomas de psicopatologia durante o início da adolescência.** *Jornal da Juventude e Adolescência*, v.40, n.10, p.1371-1382, 2011.

SOUZA, M. E. P. **Família/Escola: A importância dessa relação no desempenho escolar.** Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE), Paraná, p.1764-8, 2009.

TAVARES, C. M.; NOGUEIRA, M. de O. **Relação Família-Escola: Possibilidades e desafios para a construção de uma parceria.** *Revista Formação@Docente*, Belo Horizonte, v.5, n.1, janeiro-junho, 2013.

TÁVORA, M. T. **Evolução e crescimento de pais e filhos: Mudanças necessárias nessa relação.** *PSICO* v.34, n.1, 23-38, 2003.

TEODORO, M. L. M.; CARDOSO, B. M.; FREITAS, A. C. F. **Afetividade e Conflito Familiar e sua Relação com a Depressão em Crianças e Adolescentes.** *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v.23, n.2, p.324-333, 2010.

VALLE, L. E. L. R. **Psicologia Escolar: Um duplo desafio.** *Psicologia: Ciência e Profissão*, v.23, n.1, pág.22-29, 2003.

VOLLING, B. L.; ELINS, J. **Family relationships and children's emotional adjustment as correlates of maternal and paternal differential treatment: A replication with toddler and preschool siblings.** *Child Development*, v.69, n.6, 1640-1656, 1998.

VITOLO, Y. L. C. *et. al.* **Crenças e atitudes educativas dos pais e problemas de saúde mental em escolares.** *Revista Saúde Pública*, v.39, n.5, 716-724, 2005.

ZEQUINÃO, M. A. *et al.* **Bullying escolar: um fenômeno multifacetado.** *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v.42, n.1, p.181-198, 2016.